

Dia 1299 do Meu Cativeiro

A ESCURIDÃO COMBINA COMIGO.

Todas as noites, aguardo pelo clique que apaga as luzes situadas por cima de mim, deixando somente a luminosidade do aquário principal. Não é o ideal, mas é quase.

Quase-escuridão, como em pleno fundo do mar. Era lá que eu vivia, antes de ser capturado e aprisionado. Não me recordo, mas ainda sou capaz de sentir as correntes bravias do mar aberto e frio. A escuridão corre-me no sangue.

Quem sou eu, perguntam vocês? O meu nome é *Marcellus*, mas a maioria dos seres humanos não me trata desse modo. Geralmente, tratam-me por *aquele tipo*. Por exemplo: *Olha aquele tipo — ali está ele — dá para ver os seus tentáculos por trás da rocha.*

Sou um polvo-gigante-do-pacífico. Sei-o devido à placa na parede, ao lado do meu recinto fechado.

Sei o que estão a pensar. Sim, eu sei ler. Sei fazer muitas coisas que não esperariam que fizesse.

A placa refere outros aspetos: o meu tamanho, os meus alimentos preferidos, e os locais em que poderia viver se não estivesse aqui preso. Menciona a minha mestria intelectual e a propensão para ser habilidoso, que, por algum motivo, parece ser uma surpresa para os seres humanos: *Os polvos são criaturas extremamente inteligentes*, pode ler-se. Alerta os seres humanos para a minha camuflagem, diz-lhes que procurem com atenção redobrada, no caso de eu me disfarçar e ficar da cor da areia.

A placa não refere que o meu nome é *Marcellus*. Mas, por vezes, o humano chamado Terry, que dirige o aquário, fornece esta informação

aos visitantes que se juntam em redor do meu aquário. *Estão a vê-lo ali atrás? O seu nome é* Marcellus. *É um tipo especial.*

Um tipo especial. De facto.

A filha pequena do Terry escolheu o meu nome. *Marcellus McSquiddles*[1] é o meu nome completo. Sim, é um nome disparatado. Leva muitos seres humanos a julgar que sou uma lula, o que é um insulto terrível.

Como deverão referir-se a mim, perguntam vocês? Bem, isso é convosco. Talvez se limitem a tratar-me por *aquele tipo*, como os restantes. Espero que não, mas não vos levarei a mal. Afinal, vocês são apenas humanos.

Devo avisar-vos de que o nosso tempo juntos pode ser breve. A placa refere um pedaço de informação adicional: a esperança média de vida de um polvo-gigante-do-pacífico. Quatro anos.

A minha esperança média de vida: quatro anos — 1460 dias.

Fui para aqui trazido quando era jovem. Morrerei aqui, neste aquário. Na melhor das hipóteses, restam-me cento e sessenta dias até que a minha sentença se cumpra.

[1] *Squid*, em português: lula. (*N. da T.*)

A CICATRIZ EM FORMA DE MOEDA

Tova Sullivan prepara-se para a luta. Uma luva de borracha amarela espreita do seu bolso de trás como as penas de um canário, consoante ela se curva para avaliar a inimiga.

Pastilha elástica.

— Por amor de Deus. — Dá uma estocada no pedaço rosado com o cabo da sua esfregona. Camadas de marcas de solas gravadas em relevo cobrem-lhe a superfície, manchando-a de sujidade.

Tova nunca percebeu o objetivo da pastilha elástica. E as pessoas esquecem-se tantas vezes de que a têm na boca. Talvez esta pessoa que a mascou estivesse a falar ininterruptamente e a pastilha tenha simplesmente caído ao chão, levada por uma miscelânea de palavras supérfluas.

Curva-se e puxa pela ponta da porcaria com a unha, mas esta nem se mexe na tijoleira. Tudo porque uma pessoa não foi capaz de caminhar três metros até ao caixote do lixo. Certa vez, quando Erik era pequeno, Tova apanhou-o a esmagar um pedaço de pastilha elástica debaixo da mesa de jantar. Foi a última vez que lhe comprou pastilha elástica, embora aquilo em que ele gastava a mesada no início da adolescência, como tantas outras coisas, estivesse fora do seu controlo.

Será necessário armamento especializado. Uma lima, talvez. Nada do que tem no carrinho removerá a pastilha.

Ao voltar a endireitar-se, as suas costas estalam. O som ecoa ao longo da curva vazia do corredor, banhado na sua habitual luz azul, enquanto ela se desloca até ao armário de material. Ninguém a censuraria, é claro, por passar simplesmente a esfregona por cima do pedaço de pastilha. Aos setenta anos, não esperam que ela faça uma limpeza tão profunda. Mas, pelo menos, tem de tentar.

Além disso, sempre é alguma coisa para fazer.

TOVA É A FUNCIONÁRIA mais antiga do Aquário de Sowell Bay. Todas as noites, lava o chão com a esfregona, lava os vidros e esvazia os caixotes do lixo. De duas em duas semanas, recebe um comprovativo de depósito direto no seu cacifo, na sala de pessoal. Catorze dólares à hora, menos os impostos e as deduções necessárias.

Os comprovativos são guardados numa antiga caixa de sapatos, em cima do seu frigorífico, por abrir. Os fundos vão crescendo numa conta esquecida na Associação de Poupança e Crédito de Sowell Bay.

Caminha agora com firmeza para o armário de material, com um passo resoluto que seria impressionante pelos critérios de qualquer pessoa, mas que é francamente espantoso para uma minúscula mulher idosa, com as costas curvadas e ossos de passarinho. Por cima de si, gotas de chuva aterram na claraboia, iluminadas em contraluz pelo brilho intenso da luz de segurança da antiga doca de *ferryboats*, ali ao lado. Gotículas de prata deslizam apressadamente pelo vidro, fitas cintilantes sob o céu envolto em nevoeiro. Tem sido um junho terrível, como toda a gente diz. O tempo cinzento não incomoda Tova, embora fosse bom que a chuva parasse durante o tempo suficiente para que o seu quintal da frente pudesse secar. O seu corta-relva de empurrar entope com a humidade.

Com a forma de um dónute e com um aquário principal no centro e aquários mais pequenos a toda a volta, o edifício de teto abobadado do aquário não é particularmente grande nem impressionante, sendo talvez adequado para Sowell Bay, que não é, em si, uma cidade grande nem impressionante. A partir do local de encontro de Tova com a pastilha elástica, o armário de material dista o diâmetro total do espaço. Os seus ténis brancos rangem através de uma secção que ela já limpou, deixando agora pegadas baças na tijoleira reluzente. Voltará a passar a esfregona naquela zona, seguramente.

Faz uma pausa no recanto ligeiramente mais baixo, com a sua estátua de bronze de tamanho real de um leão-marinho do Pacífico. As pintas lustrosas no seu dorso e na cabeça calva, lisas do desgaste de décadas de afagos e escaladas de crianças, só reforça o seu realismo. Na prateleira sobre a lareira de Tova, em casa, há uma fotografia de

Erik, talvez com onze ou doze anos na altura, a sorrir desvairadamente enquanto monta as costas da estátua com uma mão ao alto, como se estivesse prestes a atirar uma corda com laço. Um *cowboy* marinho.

Essa fotografia é uma das últimas em que ele tem um aspeto infantil e despreocupado. Tova mantém as fotografias de Erik por ordem cronológica: uma montagem da sua transformação desde bebé de sorriso que mostra as gengivas, até ao adolescente bonito, mais alto do que o seu pai, a posar com o seu blusão da equipa da escola. A colocar um ramalhete no pulso do seu par num baile. Em cima de um estrado improvisado nas margens rochosas do Estreito de Puget, azul e profundo, segurando um troféu de uma regata da escola. Tova toca na cabeça fria do leão-marinho ao passar, suprimindo o desejo de se perguntar uma vez mais qual seria atualmente a aparência de Erik.

Prossegue, como tem de ser, pelo corredor obscuro. Detém-se em frente do aquário das percas-sol de guelras azuis.

— Boa noite, queridas.

Seguem-se os caranguejos japoneses.

— Olá, amorzinhos.

— Como estás? — pergunta ela ao requeime de nariz pontiagudo.

As enguias-lobo não são a praia de Tova, mas acena-lhes com a cabeça, saudando-as. Não deve ser indelicada, ainda que elas lhe lembrem aqueles filmes de terror dos canais por cabo que o seu falecido marido, Will, começara a assistir a meio da noite, quando as náuseas da quimioterapia não o deixavam dormir. A maior enguia-lobo desliza para fora da sua gruta rochosa, a boca com um ar carrancudo e mandíbula saliente, sua imagem de marca. Dentes irregulares projetam-se da mandíbula como pequenas agulhas. Uma coisa de aspeto infeliz, no mínimo. Mas, lá está, as aparências iludem, não é verdade? Tova sorri para a enguia-lobo, embora esta jamais lhe pudesse devolver o sorriso, nem mesmo se quisesse, com um focinho daqueles.

O animal seguinte em exposição é o preferido de Tova. Ela inclina-se, aproximando-se do vidro.

— Ora bem, meu senhor, como tem passado?

Demora um instante a dar com ele: uma lasca de cor de laranja atrás da rocha. Visível, mas sem querer, como um passo em falso de

uma criança a jogar às escondidas: o rabo de cavalo de uma rapariga à mostra por trás do sofá, ou um pé de meias calçadas a espreitar de baixo da cama.

— Hoje sentes-te tímido? — Ela recua e aguarda; o polvo-gigante-do-pacífico não se move. Ela imagina como será durante o dia, pessoas a raspar os nós dos dedos no vidro, afastando-se, aborrecidas, quando não veem nada. Já ninguém sabe ser paciente.

— Não posso dizer que te leve a mal. Aí atrás parece ser um sítio muito acolhedor.

O braço cor de laranja estremece, mas o seu corpo permanece escondido.

A PASTILHA ELÁSTICA arma uma valente defesa contra a lima de Tova, mas acaba por sair.

Quando Tova atira o pedaço enrijecido para o saco do lixo, aquele emite um ligeiro e satisfatório rumor à medida que roça o plástico.

Agora, passa a esfregona. Mais uma vez.

Um aroma a vinagre com uma pitada de limão impregna o ar, elevando-se da tijoleira molhada. Muito melhor do que o líquido medonho que usavam quando Tova ali começou a trabalhar, uma porcaria verde brilhante que lhe queimava as narinas. Ela insurgiu-se desde logo contra o produto. Primeiro, provocava-lhe tonturas, e segundo, deixava umas riscas desengraçadas no chão. E, talvez o pior de tudo, cheirava ao quarto de hospital de Will, a Will quando estava doente, embora Tova tenha guardado essa parte da queixa para si.

As prateleiras do armário de material estavam repletas de embalagens daquela porcaria verde, mas Terry, o diretor do aquário, acabou por encolher os ombros, dizendo-lhe que ela poderia usar o que quisesse, desde que ela própria o trouxesse. Naturalmente, Tova concordou. Por isso, todas as noites, traz uma embalagem de vinagre e a sua garrafa de óleo de limão.

E agora, mais lixo para apanhar. Esvazia os caixotes do átrio, o que está no exterior das casas de banho, e termina na sala de pessoal, com as suas migalhas infindáveis na bancada. Não é obrigação sua, mas da equipa profissional de Elland que vem de duas em duas semanas,

no entanto, Tova passa sempre o pano pela base da máquina de café muito velha e no interior do micro-ondas manchado pelos salpicos, que cheira a esparguete. Hoje, porém, há assuntos mais importantes: caixas vazias de comida para fora pelo chão. Três.

— Credo — diz ela, resmungando para a sala vazia. Primeiro, a pastilha, e agora aquilo.

Apanha as caixas e atira-as para o caixote do lixo que, estranhamente, foi colocado a vários metros do seu lugar habitual. Depois de esvaziar o caixote no seu saco de lixo, volta a pô-lo no lugar correto.

Ao lado do lixo está uma pequena mesa de almoço. Tova endireita as cadeiras. É então que vê aquilo.

Alguma coisa. Por baixo.

Um montículo castanho-alaranjado, enfiado num canto. Uma camisola? Mackenzie, a jovem simpática que trabalha no quiosque das admissões, costuma deixar uma camisola pendurada nas costas da cadeira. Tova ajoelha-se, preparando-se para a apanhar e metê-la no cacifo de MacKenzie. Mas depois, o montículo mexe-se.

Um *tentáculo* mexe-se.

— Deus do Céu!

Um dos olhos do polvo surge de algures naquela massa carnuda. A sua pupila, qual berlinde, abre-se e, em seguida, a sua pálpebra estreita-se. Recriminadora.

Tova pestaneja, convencida de que os seus olhos não estão a funcionar como deve ser. Como poderia o polvo-gigante-do-pacífico estar fora do seu aquário?

O braço volta a mexer-se. A criatura está enredada na confusão de cabos elétricos. Quantas vezes já amaldiçoou ela aqueles cabos? Não é possível varrer devidamente com aqueles cabos ali.

— Estás preso — sussurra ela, e o polvo levanta a sua enorme cabeça bolbosa, torcendo um dos braços em torno do qual está enrolado um cabo elétrico fino, daqueles que se usam para carregar telemóveis, com várias voltas. A criatura torce-se mais e o cabo torna-se ainda mais apertado, a sua carne protuberante entre cada volta. Erik teve um brinquedo assim, de uma loja de artigos para pregar partidas. Um pequeno cilindro de tecido onde se enfiava um dedo indicador em ambas

as extremidades e depois, tentavam tirar-se. Quanto mais se puxava, mais apertado se tornava.

Ela aproxima-se lentamente. Como resposta, o polvo bate com um dos seus braços no linóleo como que dizendo: *Para trás, minha senhora*.

— Está bem, está bem — murmura ela, saindo de debaixo da mesa.

Põe-se de pé e liga a luz do teto, derramando um brilho fluorescente na sala de pessoal, e começa a baixar-se novamente, desta vez, mais devagar. Nesse momento, porém, e como é habitual, as suas costas estalam.

Perante o som, o polvo dá nova chicotada, empurrando uma das cadeiras com uma força alarmante. A cadeira desliza pela sala e faz ricochete na parede oposta.

Debaixo da mesa, o olho incrivelmente claro da criatura cintila.

Determinada, Tova aproxima-se a rastejar, tentando estabilizar as suas mãos trementes. Quantas vezes passou ela pela placa situada abaixo do polvo-gigante-do-pacífico? Não se recorda de ler nada acerca de os polvos serem perigosos para os seres humanos.

Está a uns meros centímetros dele. Ele parece estar a encolher, e a sua cor tornou-se mais pálida. Será que os polvos têm dentes?

— Meu amigo — diz ela suavemente. — Vou passar o braço à tua volta e desligar o cabo. — Ela espreita e identifica o cabo exato que o deixou em apuros. Está ao seu alcance.

O olho do polvo segue todos os seus movimentos.

— Não te vou fazer mal, querido.

Um dos seus braços livres bate no chão como a cauda de um gato doméstico.

No instante em que ela puxa a ficha, o polvo retrai-se para trás. Tova também se retrai. Espera que ele se esgueire ao longo da parede e até à porta, na direção para onde estava a tentar deslocar-se.

Mas, em vez disso, ele desliza para mais perto.

Como uma cobra fulva, um dos seus braços arrasta-se na direção dela. Em segundos, serpenteia à volta do seu antebraço, depois gira à volta do cotovelo e bíceps como uma fita num poste, num ritual de maio. Ela consegue sentir cada uma das ventosas agarrar-se-lhe. Instintivamente, tenta sacudir o braço, mas o polvo aperta-a mais, a ponto de quase se tornar desconfortável. Contudo, o seu estranho olho brilha divertido, como os de uma criança traquina.

Caixas de comida vazias. Caixote do lixo fora do sítio. Agora, faz sentido.

Então, subitamente, ele liberta-a. Tova observa-o, incrédula, a sair com um passo firme pela porta da sala de pessoal, descolando sonoramente as ventosas da parte mais grossa de cada uma das suas oito pernas. O seu manto parece arrastar-se atrás de si, e agora parece ainda mais pálido, move-se com dificuldade. Ela precipita-se atrás dele, mas quando chega ao corredor, não vê o polvo em lado nenhum.

Tova passa uma mão pelo rosto. Está a perder as suas faculdades. Sim, é isso. É assim que começa, não é? Com alucinações com um polvo?

Muitos anos antes, assistira à perda de lucidez da sua falecida mãe. Começara com perdas de memória ocasionais, nomes e datas familiares imprecisas. Mas Tova não se esquece de números de telefone nem tem de se esforçar para se lembrar de nomes. Baixa o olhar para o seu braço, que está coberto de pequenos círculos. Marcas de sucção.

Meio aturdida, termina as tarefas da noite, depois, faz a sua habitual última ronda ao edifício para desejar as boas-noites.

Boa noite, percas-sol de guelras azuis, enguias, caranguejos japoneses, requeime de nariz pontiagudo. Boa noite, anémonas, cavalos-marinhos, estrelas-do-mar.

Dobra a esquina e prossegue. *Boa noite, atum e solha-das-pedras e arraias. Boa noite, alforrecas, pepinos-do-mar. Boa noite, tubarões, seus coitadinhos.* Tova sempre sentiu uma grande empatia pelos tubarões, com as suas voltas sem fim em redor do aquário. Ela compreende o que significa não conseguir parar de se mover, para não dar por si a não conseguir respirar.

Ali está o polvo, novamente escondido atrás da sua rocha. Consegue avistar um pedaço do seu corpo. O seu cor de laranja é agora mais vívido, comparado com o seu aspeto na sala de pessoal, mas continua a estar mais pálido do que o habitual. Bem, talvez lhe sirva de lição. Tem de ficar sossegado. Como raio é que saiu? Ela espreita através da água ondulante, perscrutando por baixo da superfície, mas nada parece estar fora do lugar.

— Desordeiro — diz ela, abanando a cabeça. Hesita por mais um instante em frente do seu aquário antes de se ir embora.



O AUTOMÓVEL AMARELO de Tova apita e acende e apaga as luzes laterais consoante ela prime o botão do comando, função a que ainda não se habituou. As suas amigas, o grupo de senhoras com quem costuma ir almoçar e que carinhosamente se denomina Ases das Agulhas, convenceram-na de que precisava de um automóvel novo quando começou a trabalhar no aquário. Por uma questão de segurança, argumentaram, para ela não ter de conduzir à noite num automóvel velho. Passaram semanas a importuná-la com o assunto.

Por vezes, é mais fácil ceder.

Depois de colocar a embalagem de vinagre e a garrafa de óleo de limão no porta-bagagem, como sempre faz, porque independentemente do número de vezes que Terry lhe disse que ela pode guardá-las no armário de material, nunca se sabe quando um pouco de limão e de vinagre podem ser precisos, lança um olhar ao cais. Está vazio, àquela hora tardia, os pescadores noturnos já se foram há muito. A antiga doca de *ferryboats* situa-se em frente do aquário como uma máquina velha a apodrecer. As estacas decadentes estão cobertas de cracas. Na maré-cheia, as cracas ficam enredadas em fiapos de algas, que secam deixando manchas verde-escuras quando a maré volta a descer.

Atravessa as tábuas de madeira desgastadas pelo tempo. Como sempre, a velha bilheteira fica exatamente a trinta e oito passos do seu lugar de estacionamento.

Tova procura uma vez mais quaisquer curiosos, quaisquer pessoas que se demorem nas sombras alongadas. Encosta a mão no vidro da bilheteira, a sua racha diagonal qual cicatriz antiga na face de alguém.

Depois, caminha para o cais, para o seu banco habitual. Está escorregadio da névoa salina e salpicado com dejetos de gaivota. Senta-se, arregaçando a manga e olhando para as estranhas marcas circulares, esperando, de certo modo, que tenham desaparecido. Mas lá estão elas. Passa a ponta do dedo em torno da maior, mesmo no interior do pulso. É do tamanho de uma moeda de dois euros. Quanto tempo permanecerá na pele? Fará uma nódoa negra? Hoje em dia, é tão fácil ficar com nódoas negras, e a marca já está a ficar castanha, como o sangue pisado. Talvez seja permanente. Uma cicatriz em forma de moeda.

O nevoeiro dissipou-se, empurrado para terra pelo vento, desviado para os sopés das montanhas. No lado sul, está ancorado um cargueiro, o casco bastante baixo sob as filas de contentores empilhados no convés como blocos de construção de uma criança. O luar trepida sobre a água, mil velas balanceando-se na sua superfície. Tova fecha os olhos, imaginando-o debaixo da superfície, segurando ele próprio nas velas, para ela. Erik. O seu único filho.



Dia 1300 do Meu Cativeiro

CARANGUEJO, AMÊIJOA, CAMARÃO, VIEIRA, BERBIGÃO, ABALONE, peixe, ovas. É esta a alimentação do polvo-gigante-do-pacífico, segundo a placa junto do meu aquário.

O mar deve ser um bufete delicioso. Todas estas iguarias, livremente à disposição.

Mas que oferecem eles aqui? Cavala, alabote, e — sobretudo — arenque. Arenque, arenque, tanto arenque. São criaturas imundas, peixinhos minúsculos e nojentos. Tenho a certeza de que a razão da sua abundância aqui é o seu preço baixo. Os tubarões no aquário principal são recompensados pelo seu entorpecimento com garoupa fresca, e a mim dão-me arenque congelado. Por vezes, ainda parcialmente congelado mesmo. É por isso que tenho de tratar do assunto pelos meus próprios meios nos momentos em que desejo a textura sublime de ostras frescas, em que anseio sentir a fenda afiada do meu bico a esmagar um caranguejo na sua carapaça, em que tenho ganas da carne doce e firme de um pepino-do-mar.

Por vezes, os meus captores dão-me uma vieira misericordiosa, se estiverem a tentar convencer-me a cooperar num exame médico ou a subornar-me para que alinhe num dos seus jogos. E de vez em quando, Terry dá-me um ou dois mexilhões, só porque sim.

É claro que já provei caranguejo, amêijoa, camarão, berbigão e abalone muitas vezes. Tenho simplesmente de me encarregar de os ir buscar eu próprio fora de horas. As ovas de peixe são um petisco ideal, tanto em relação ao prazer gastronómico quanto ao valor nutricional.

Poder-se-á fazer aqui uma terceira lista, que consistiria nas coisas relativamente às quais os seres humanos fazem grande alarido, mas que formas de vida mais inteligente considerariam absolutamente impróprias para consumo. Por exemplo: qualquer uma das opções disponíveis na máquina de venda automática, no átrio.

Hoje, porém, foi outro o aroma que me atraiu. Doce, salgado, condimentado. Encontrei a sua origem no caixote do lixo, os seus restos anichados num recipiente branco pouco consistente.

O que quer que fosse, era delicioso. Mas, não tivesse eu tido sorte, e poderia ter sido o meu fim.

A mulher da limpeza. Ela salvou-me.

BOLACHAS DA MENTIRA

Outrora, houve sete Ases das Agulhas. Agora, há quatro. De tantos em tantos anos, surge mais um espaço vazio à mesa.

— Credo, Tova! — Mary Ann Minetti pousa um bule na sua mesa de jantar, fitando o braço de Tova. O bule está embrulhado num abafador de croché amarelo, provavelmente, um projeto que alguém tricotou em tempos, quando as mulheres do grupo Ases das Agulhas faziam, de facto, tricô durante os seus almoços semanais. O abafador do bule combina com o travessão amarelo ornamentado com joias junto da fonte de Mary Ann, prendendo caracóis aloirados.

Janice Kim observa o braço de Tova enquanto enche a sua caneca.

— Uma alergia, talvez? — Um redemoinho de vapor do chá Oolong embacia-lhe os óculos redondos, e ela tira-os e limpa-os com a orla da camisola de manga curta, que Tova desconfia pertencer ao filho de Janice, Timothy, porque é pelo menos três tamanhos acima do dela e ostenta o logótipo do centro comercial coreano situado em Seattle, onde, há alguns anos, Timothy investira num restaurante.

— Esta marca? — diz Tova, puxando a manga da camisola para baixo. — Não é nada.

— Devias ir ver isso. — Barb Vanderhoof deixa cair um terceiro cubo de açúcar no seu chá. O seu cabelo grisalho cortado rente foi penteado deixando pontas levantadas com gel que, ultimamente, é um dos seus estilos preferidos. Quando estreou aquele visual, dizia, a brincar, que uma Barb[2] devia ter farpas, o que provocou gargalhadas nas Ases das Agulhas. Não é a primeira vez que Tova se imagina a empurrar com o dedo um dos espinhos no cabelo da amiga. Será que se picaria,

[2] *Barb*, em português: farpa. (*N. da T.*)

como se picaria num dos ouriços-do-mar do aquário, ou será que aquele se desmancharia com o seu toque?

— Não é nada — repete Tova. O calor impregna-lhe as pontas das orelhas.

— Bem, deixem-me que lhes diga. — Barb bebe um gole do seu chá e prossegue. — Sabem a minha Andie? Ela teve uma irritação na pele no ano passado, quando cá veio na Páscoa. Bem, eu nunca a cheguei a ver: era mais ou menos numa zona inconveniente, se é que me estão a entender, mas não era o tipo de irritação que se apanha com comportamentos indecentes, atenção. Não, era apenas uma irritação. Enfim, eu disse-lhe que ela devia ir ao meu dermatologista. Ele é maravilhoso. Mas a minha Andie é teimosa como tudo, sabem como ela é. E aquela irritação continuou a piorar, e…

Janice interrompe Barb.

— Tova, queres que o Peter te recomende alguém? — O marido de Janice, o doutor Peter Kim, está reformado, mas tem muitos contactos na comunidade médica.

— Não preciso de um médico. — Tova força um sorriso débil. — Foi um incidente sem importância no trabalho.

— No trabalho!

— Um incidente!

— Que aconteceu?

Tova inspira. Ainda é capaz de sentir o tentáculo enrolado em torno do seu pulso. As marcas afrouxaram durante a noite, mas ainda estão escuras o suficiente para se notarem. Volta a puxar a manga para baixo.

Será que lhes devia contar?

— Um percalço com algum do equipamento de limpeza — diz ela, finalmente.

Em volta da mesa, três pares de olhos estreitam-se, olhando-a.

Mary Ann limpa uma nódoa imaginária no tampo da mesa com um dos seus panos de cozinha.

— Esse teu emprego, Tova. Na última vez em que estive no aquário, quase perdi o apetite para o almoço com o cheiro. Como é que aguentas?

Tova tira uma bolacha com pepitas de chocolate do prato que Mary Ann preparara mais cedo. Mary Ann aquece as bolachas no forno

antes de as senhoras chegarem. Não se pode beber chá, costuma ela dizer, sem alguma coisa caseira para trincar. As bolachas vieram do pacote que Mary Ann comprou na mercearia Shop-Way. Todas as Ases das Agulhas sabem disso.

— Aquela espelunca. Claro que cheira mal — diz Janice. — Mas, a sério, Tova, estás bem? Trabalho físico, com a nossa idade. Porque é que tens de trabalhar?

Barb cruza os braços.

— Eu trabalhei na Igreja de Saint Ann durante algum tempo, depois da morte do Rick. Para passar o tempo. E eles pediram-me para gerir toda a parte administrativa, sabiam?

— Arquivo — balbucia Mary Ann. — Tu trabalhavas no arquivo.

— E despediste-te porque não o conseguiam manter organizado como tu querias — diz Janice, o seu tom de voz seco. — Mas a questão é que tu não andavas de quatro a lavar o chão.

Mary Ann inclina-se para a frente.

— Tova, espero que saibas que, se precisares de ajuda…

— Ajuda?

— Sim, *ajuda*. Não sei como é que o Will te deixou de finanças.

Tova fica tensa.

— Obrigada, mas não me falta nada nesse aspeto.

— Mas se te faltasse. — Mary Ann cerra os lábios.

— Não falta — replica Tova em voz baixa. E é verdade. A conta bancária de Tova daria para as suas modestas necessidades várias vezes. Ela não precisa de caridade: nem de Mary Ann, nem de ninguém. E além disso, que raio de assunto aquele, e tudo por causa de umas marquinhas no seu braço.

Depois de se levantar da mesa, Tova pousa a chávena de chá e inclina-se na bancada. A janela sobre o lava-loiça da cozinha tem vista para o quintal de Mary Ann, onde os seus rododendros se encolhem sob o céu cinzento e baixo. As pétalas delicadas de cor magenta parecem estremecer com a brisa que agita os ramos, e Tova gostaria de as poder voltar a pôr nos seus botões. A frescura do ar é pouco comum para meados de junho. Neste ano, o verão chegará, certamente, atrasado.

No peitoril da janela, Mary Ann colocara uma coleção de parafernália religiosa: pequenos anjos de vidro com rostos de querubim, velas, um pequeno exército de cruzes prateadas brilhantes com diversos tamanhos, alinhadas como soldados. Mary Ann deve poli-las todos os dias para as manter reluzentes.

Janice pousa-lhe a mão no ombro.

— Tova? Terra chama Tova?

Tova não consegue evitar sorrir. A entoação melodiosa da voz de Janice leva Tova a pensar que Janice anda outra vez a ver séries cómicas.

— Não fiques aborrecida, por favor. A Mary Ann não estava a querer insinuar nada. Estamos apenas preocupadas.

— Obrigada, mas eu estou bem. — Tova dá uma palmadinha na mão de Janice.

Janice ergue uma das suas sobrancelhas perfeitamente aparadas, encaminhando Tova de volta para a mesa. É evidente que Janice percebe quão desesperadamente Tova deseja mudar de assunto, porque opta por lançar um tema de conversa fácil.

— E então, Barb, tens novidades das meninas?

— Oh, não vos contei? — Barb inspira teatralmente. Nunca foi preciso pedir duas vezes a Barb que discorresse sobre a vida das suas filhas e netas. — A Andie era para trazer as meninas para passarem as férias de verão. Mas tiveram um *impedimento nos seus planos*. Foi exatamente isso que ela disse: *um impedimento*.

Janice limpa os seus óculos com um dos guardanapos bordados de Mary Ann.

— Ai sim, Barb?

— Já não vêm cá desde o último Dia de Ação de Graças! Ela e o Mark levaram as crianças a *Las Vegas*, no Natal. Mal dá para acreditar. Quem é que passa a época natalícia em *Las Vegas*? — Barb pronuncia ambas as palavras, Las e Vegas, com igual peso e desdém, tal como alguém poderá dizer *leite estragado*.

Janice e Mary Ann abanam a cabeça, e Tova tira mais uma bolacha. As três mulheres assentem enquanto Barb se lança numa história acerca da família da filha, que vive a duas horas de distância, em Seattle,

e que se poderia julgar situar-se noutro hemisfério, tal é a falta de frequência com que Barb a vê.

— Eu disse-lhes, espero bem poder abraçar as minhas netinhas em breve. Sabe Deus quanto mais tempo andarei por cá!

Janice suspira.

— Já chega, Barb.

— Deem-me licença por um instante. — A cadeira de Tova raspa o linóleo.

COMO SE PODE depreender pelo nome, as Ases das Agulhas começaram por ser um clube de tricô. Há vinte e cinco anos, uma mão-cheia de mulheres de Sowell Bay encontrava-se para trocar lãs. Acabou por se tornar num refúgio para que pudessem esquecer casas desertas, espaços vazios agridoces deixados por filhos já crescidos e a viver as suas vidas. Por esse motivo, entre outros, Tova havia resistido juntar-se-lhe inicialmente. O seu vazio não detinha doçura, somente amargura; na altura, Erik havia desaparecido cinco anos antes. Quão delicadas eram, então, essas feridas, quão fácil era arrancar as crostas e começar a sangrar outra vez.

A torneira da casa de banho de Mary Ann solta um chiado consoante Tova a abre. As queixas daquelas mulheres não mudaram muito ao longo dos anos. Primeiro, era *que pena que a universidade fica tão longe*, e *que pena que só nos telefonam aos domingos à tarde*. Agora, são os netos e os bisnetos. Estas mulheres sempre ostentaram a maternidade alto e bom som, mas Tova sempre manteve a sua dentro de si, metida lá bem no fundo das suas entranhas como uma bala antiga. Privada.

Poucos dias antes do desaparecimento de Erik, Tova tinha feito um bolo de amêndoa pelo seu décimo oitavo aniversário. A casa ficou com aquele cheiro a maçapão durante vários dias. Ainda se recorda de como o cheiro persistiu na cozinha como um convidado sem noção, que não sabia quando devia ir-se embora.

A princípio, o desaparecimento de Erik foi considerado um caso de fuga. A última pessoa a vê-lo foi um dos ajudantes de convés que fazia o turno das onze horas no *ferryboat* que se dirigia para sul, o último barco da noite, e não reportou nada de estranho. Erik deveria trancar

a bilheteira no fim, coisa que sempre fez diligentemente. Erik ficava tão contente por lhe confiarem a chave; afinal, era apenas um emprego de verão. O xerife disse que encontraram a bilheteira destrancada, com a contabilidade da caixa devidamente feita. A mochila de Erik estava guardada debaixo da cadeira, juntamente com o seu leitor de cassetes portátil e auscultadores, até a sua carteira. Antes de excluírem a possibilidade de se tratar de uma partida, o xerife especulou que talvez Erik se tivesse ido embora por um curto período de tempo, tencionando regressar.

Porque havia ele de abandonar a bilheteira durante o horário de trabalho? Tova nunca percebeu. Will sempre teve uma teoria de que havia uma rapariga envolvida, mas nunca foi encontrado rasto de nenhuma rapariga — nem rapaz, para que conste. Os seus amigos insistiram que ele não namorava com ninguém naquele momento. Se Erik namorasse com alguém, o mundo teria sabido. Erik era um rapaz popular.

Uma semana depois, encontraram o barco: um velho barco à vela ferrugento que ninguém reparara que tinha desaparecido da diminuta marina que existia junto da doca de *ferryboats*. Fora arrastado para terra, tendo sido o cabo da âncora perfeitamente cortado. As impressões digitais de Erik estavam no leme. As provas eram pouco consistentes, mas tudo apontava para que o rapaz tivesse acabado com a própria vida, disse o xerife.

Disseram os vizinhos.

Disseram os jornais.

Disse toda a gente.

Tova nunca acreditou nisso. Nem por um segundo.

Seca o rosto com a mão, pestanejando ante o reflexo no espelho da casa de banho. As Ases das Agulhas são suas amigas há muitos anos, porém, às vezes ela ainda se sente como uma peça que foi parar ao *puzzle* errado.

TOVA VOLTA A retirar a sua chávena do lava-loiça, serve-se de um pouco de chá Oolong, e regressa à sua cadeira e à conversa. Fala-se sobre o vizinho de Mary Ann que está a processar o seu ortopedista após uma cirurgia mal feita. As senhoras concordam que o médico deveria ser

responsabilizado. Em seguida, há uma ronda de arrulhos por causa das fotografias do pequeno *Yorkshire* de Janice, *Rolo*, que costuma acompanhar as Ases das Agulhas no saco de Janice. Hoje, *Rolo* está em casa com dores de estômago.

— Podre *Rolo* — diz Mary Ann. — Achas que ele comeu alguma coisa estragada?

— Não lhe devias dar mais comida de humanos — afirma Barb. — O Rick costumava dar os restos da nossa comida à *Sully* sem eu ver. Mas eu ficava sempre a saber. Oh, aquela merda malcheirosa!

— Barbara! — diz Mary Ann de olhos arregalados. Janice e Tova riem.

— Ora, perdoem-me a linguagem, mas aquela cadela conseguia pôr uma sala inteira a cheirar mal. Que descanse em paz. — Barb junta as mãos, em prece.

Tova sabe o quanto Barb amava a sua *golden retriever*, *Sully*. Talvez mais do que amava o seu falecido marido, Rick. E no espaço de poucos meses do ano anterior, perdera ambos. Por vezes, Tova pergunta a si mesma se não é melhor assim, sofrer as tragédias todas de uma vez, mas fazer bom uso das escoriações existentes. Despachar logo tudo de uma assentada. Tova sabia que havia um fundo naquelas profundezas do desespero. Uma vez que a alma estivesse embebida de dor, qualquer dor extra simplesmente escorreria, transbordaria, tal como o xarope de ácer caía sempre em cascata das panquecas de sábado de manhã até à mesa, quando Erik tinha autorização para ser ele a pô-lo.

Às três da tarde, as Ases das Agulhas pegam nos seus casacos e malas penduradas nas costas das cadeiras, e Mary Ann puxa Tova à parte.

— Se precisares de ajuda, por favor, diz-nos. — Mary Ann aperta a mão de Tova, a pele morena e italiana da outra mulher de aparência jovem e macia, em comparação com a sua. Os genes escandinavos de Tova, tão gentis na sua juventude, viraram-se contra ela à medida que envelheceu. Aos quarenta, o seu cabelo sedoso cor de milho estava grisalho. Aos cinquenta, as linhas do seu rosto pareciam esculpidas em barro. Agora, por vezes tem um vislumbre do seu perfil refletido numa montra, do modo como os seus ombros começaram a curvar-se. Pergunta-se como pode aquele corpo ser o seu.

— Garanto-te que não preciso de ajuda.

— Se esse emprego se tornar demasiado pesado, despedes-te. Não despedes?

— Com certeza.

— Muito bem. — Mary Ann não parece convencida.

— Obrigada pelo chá, Mary Ann. — Tova desliza para dentro do seu casaco e sorri para o grupo. — Uma bela tarde, como sempre.

TOVA AFAGA O tabliê e pisa no acelerador, conseguindo, com jeito, reduzir uma velocidade. O automóvel queixa-se ao subir.

A casa de Mary Ann fica no fundo de um amplo vale que em tempos não passava de campos de narcisos. Tova lembra-se de passar pelo meio deles quando era pequena, ao lado do seu irmão mais velho, Lars, no banco de trás do *Packard* da família. O paizinho ao volante, a mãezinha ao seu lado com o vidro aberto, agarrando no lenço debaixo do queixo para que não voasse. Tova também abria o seu vidro, e esticava o pescoço do lado de fora tanto quanto se atrevia. O vale cheirava a estrume fresco. Milhões de barretinhos amarelos compondo indistintamente um mar radioso.

Hoje em dia, o solo do vale é uma malha urbana. A cada par de anos, o condado tem uma enorme trabalheira em refazer a estrada que serpenteia pela encosta. Mary Ann está sempre a escrever cartas à câmara municipal relativamente a essa questão. Demasiado íngreme, argumenta ela, demasiado propensa a deslizamentos de terras.

— Não é demasiado íngreme para nós — afirma Tova, à medida que o automóvel encosta no cimo.

Do outro lado, um rasgo de sol brilha no mar, abrindo caminho por entre uma fenda nas nuvens. Depois, como que puxada por fios de marioneta, a fenda abre-se, banhando o Estreito de Puget de luz brilhante.

— Bem, e esta? — diz Tova, virando o para-sol para baixo. Semicerrando os olhos, vira à direita para Sound View Drive, que segue ao longo da cumeeira sobre a água. Em direção a casa.

O sol, finalmente! As suas asteres precisam de ser podadas, e as várias semanas de tempo frio e húmido, atípico até para o Noroeste do Pacífico, minaram-lhe o entusiasmo pelo trabalho no quintal. Perante

a ideia de fazer alguma coisa produtiva, carrega mais no acelerador. Talvez consiga terminar o canteiro todo antes do jantar.

Atravessa agilmente a casa para ir buscar um copo de água a caminho do quintal das traseiras, parando para premir o botão vermelho do gravador de chamadas, que pisca intermitentemente. Aquele atendedor está constantemente cheio de coisas disparatadas, pessoas a tentar vender-lhe coisas, mas ela limpa sempre as mensagens de manhã cedo. Como pode alguém funcionar como deve ser com uma luz vermelha a piscar em fundo?

A primeira gravação é de alguém a solicitar doações. *Apagar*.

A segunda mensagem é, claramente, uma vigarice. Quem seria tolo o suficiente a ponto de devolver a chamada e fornecer o número de uma conta bancária? *Apagar*.

A terceira mensagem é engano. Vozes abafadas, depois um clique. Uma *chamada-acidente*, como Janice se lhes refere. Um dos riscos do hábito ridículo de andar com o telemóvel no bolso. *Apagar*.

A quarta mensagem começa com um trecho de silêncio. O dedo de Tova está prestes a premir o botão de apagar no momento em que surge uma voz de mulher.

— Tova Sullivan? — Ela aclara a voz. — Daqui fala Maureen Cochran. Do Centro de Cuidados Continuados de Charter Village.

O copo de água de Tova emite um tinido ao bater na bancada.

— Receio não ter boas notícias…

Com um toque certeiro, Tova carrega no botão para silenciar o gravador. Não precisa de ouvir mais. É uma mensagem de que tem estado à espera há já algum tempo.

O seu irmão, Lars.